

MORAES, Suiany Silva de; SIQUEIRA, Ítalo Barbosa Lima. As margens como centro no bairro Benfica: falas da violência e do matar na cidade de Fortaleza. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 53, p. 143-159, agosto de 2019 ISSN 1676 8965.

DOSSIÊ

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

As margens como centro no bairro Benfica: falas da violência e do matar na cidade de Fortaleza

The margins as the center of the Benfica neighborhood: talk of violence and killing in the city of Fortaleza

*Suiany Silva de Moraes
Ítalo Barbosa Lima Siqueira*

Resumo: As grandes cidades brasileiras na contemporaneidade abrigam conflitos letais pelo poder de mando e controle social de territórios nas margens urbanas. Nesse contexto, a cidade de Fortaleza se converteu em cenário de dramáticos conflitos e múltiplas formas de violência cruel. As percepções, as vivências cotidianas, os afetos e as emoções vão sendo impactados com as figurações da violência que afetam a experiência social urbana. No presente artigo, objetivamos refletir sobre a rotinização da crueldade e da execução como recurso para potencialização do caráter seletivo e diferenciado da violência. A pesquisa acompanhou a trajetória de pessoas “envolvidas” com o crime, - estigmatizadas como “matáveis,” - criou relações e empatias que foram desenvolvidas por observações e vivências nas ruas da cidade, sobretudo no bairro do Benfica. Compreender os processos sociais do extermínio, significa refletir sobre os estigmas que aumentam consideravelmente as possibilidades e as formas de letalidade. Em nossas incursões etnográficas, percebemos que a possibilidade da morte violenta marca significativamente as trajetórias de nossos interlocutores no contexto do extermínio e massacres. **Palavras-chave:** etnografia, conflitualidade, crime.

Abstract: The great Brazilian cities in contemporary times harbor lethal conflicts for the power of command and social control of territories on the urban margins. In this context, the city of Fortaleza has become a scenario of dramatic conflicts and multiple forms of cruel violence. Perceptions, everyday experiences, affections and emotions are being impacted by the figurations of violence that affect the urban social experience. In this article, we aim to reflect on the routinization of cruelty and execution as a resource for enhancing the selective and differentiated character of violence. The research followed the trajectory of people "involved" with crime - stigmatized as "killable" -, created relationships and empathy that were developed by observations and experiences on the streets of the city, especially in the Benfica neighborhood. Understanding extermination means reflecting on the stigmas that greatly increase possibilities and forms of lethality. In our ethnographic incursions, we realize that the possibility of violent death significantly marks the trajectories of our interlocutors in the context of extermination and massacres. **Keywords:** ethnography, conflict, crime.

O cenário decrescente de conflitos impacta fortemente na vida urbana da cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, historicamente marcada pela existência de gangues (Diógenes, 1998) e atuação de bandos criminais em suas margens urbanas.

Mais recentemente, em menos de uma década, seus bairros sofreram rearranjos significativos com a expansão de coletivos criminais (Hirata, 2014) e a “guerra entre facções prisionais” em âmbito transnacional (Dias, 2017), como testemunhamos nos centros urbanos e prisões, sobretudo com a adesão aos “comandos” do crime - a saber, Comando Vermelho (CV), Família do Norte (FDN), Primeiro Comando da Capital (PCC), Guardiões do Estado (GDE) (Paiva, 2019). Dessa forma, as influências desses agrupamentos são sentidas na experiência urbana, em escalas variáveis. Seus deslocamentos e formas de apropriação passam a compor fronteiras mortais, marcadas pelo sangue, emergindo novos conflitos e tensões nos territórios marcados pelas fronteiras mágicas da teatralidade do extermínio e da punição (Aquino & Sá, 2014).

As pesquisas nacionais, tais como o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, o *Mapa da Violência*, as do *Instituto Igarapé* e o *Atlas da Violência*, destacam o Brasil como cenário de altos índices relativos à violência contra a pessoa, em especial o homicídio - recorrentemente levando os meios de comunicação a relacionar esses índices ao de países em guerra. Isso ocorre devido à alta taxa de letalidade que, na atualidade, se expressam como “explicação” estatística das disputas territoriais pelo controle dos mercados ilícitos de drogas, da posse clandestina de armas de fogo em determinados territórios e o seu expansivo uso nos conflitos.

Os dados estatísticos apresentam Fortaleza entre as cidades mais violentas do país. Como exemplo, na pesquisa do ano de 2012 do Instituto Igarapé, a capital aparece na terceira posição entre as cinco cidades com mais de 1,5 milhões de habitantes nas Américas e Caribe com as maiores taxas de homicídios, 76,8 por 100 mil/habitantes; no *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* do ano de 2014, Fortaleza aparece com a maior taxa de crimes de morte no país: 77 homicídios por 100 mil habitantes, mais do que o dobro da média das demais capitais, que era de 33 por 100 mil; quando observamos o *Atlas da Violência* (2019), que apresenta dados de médio prazo, entre 2007 e 2017, o cenário é ainda mais preocupante com o evidente aumento acentuado da violência letal contra segmentos sociais específicos, negros, mulheres e população LGBTI, e em 2017 registrou a taxa mais elevada de homicídios, com 140,2% para 100 mil habitantes.

No que se referem aos fatores de riscos transversais, aqueles que podem determinar a ocorrência, com maior ou menor grau de probabilidade, de conflitos diversos, a cidade apresenta riscos ainda maiores quando associados à: circulação de armas de fogo e desigualdade de renda; gangues e drogas; casos de violência patrimonial, que incluem latrocínio, violência interpessoal e violência doméstica (Relatório de Homicídios, 2015).

A violência difusa, as práticas de crueldade e a ação de pistoleiros na área urbana não é novidade em Fortaleza (Barreira, 2018; 2016). Soma-se a esse contexto o avanço da violência urbana (Machado da Silva, 2008), uma representação coletiva que não tem um significado homogêneo, mas existe como uma categoria do entendimento do senso comum que consolida e oferece sentido as experiências vividas na cidade. O crescimento da letalidade das disputas entre os agrupamentos faccionados pode ser percebido também através de elementos que se articulam no interior das dinâmicas criminais com a imposição de um suplício sobre as vidas matáveis (Mallart & Godoi, 2017): pessoas transformadas em alvos para o extermínio tanto por agentes estatais como para as lutas pela hegemonia do controle social sobre o crime.

Em 2015, segundo dados da pesquisa *De Onde Vêm as Armas no Nordeste* (Sou da Paz, 2018), foram apreendidas 6.615 armas de fogo, sendo destas, 78% de calibres permitidos e de fabricação nacional, principalmente o revólver calibre 38. Já entre 2016 e 2017, período que coincide com o crescimento do conflito nos territórios, houve cerca

de 10% no aumento da apreensão. Contudo, os dados nos mostram que há em curso um processo de mudança no perfil desse armamento apreendido, crescendo o número de pistolas calibre ponto 40 e decaindo o número de apreensões de revólver. Entra nessa engrenagem ainda o aumento da taxa de homicídios por arma de fogo, chegando a cerca de 86,5% do total dos óbitos em 2017 no Estado do Ceará.

Pesquisar violência em Fortaleza, sobretudo, através do método etnográfico, eventualmente insere a atuação de pesquisadores em contextos perpassados por conflitos letais e inesperados. Letais para si mesmos e aos parceiros de pesquisa. Assim, o presente texto preocupa-se em esboçar uma discussão sobre as problemáticas e dilemas que envolvem pesquisas em contextos marcados pela conflitualidade. Pensamos também sobre o cenário de crescentes conflitos na cidade de Fortaleza, com o auxílio de um fragmento do relato etnográfico feito por Suiany Moraes, em sua pesquisa de mestrado intitulada “Eu nunca tinha escutado falar sobre favela no Benfica: conflitos sociais e mercados ilícitos em um bairro universitário” (2018), da Universidade Federal do Ceará. Destaca-se a possibilidade do estabelecimento de relações de interlocução com pequenos comerciantes de drogas e “envolvidos”; algumas assumindo a posição de amizades, outras de alianças, porém, com adversidades e possibilidades sempre presentes da morte violenta, prisão dessas pessoas ou algum conflito inesperado. Por fim, de modo reflexivo, visamos colaborar com pesquisas que são realizadas nas fronteiras permeáveis do Estado-nação (Das & Poole, 2008) e nas experiências que, muitas vezes, marcam profundamente a trajetória de pesquisadores e parceiros de pesquisa.

Etnografias nas margens urbanas

Como primeira tarefa, sinalizamos a importância da etnografia em perceber as particularidades, as miudezas e, através da interpretação do fluxo social e uma perspectiva microscópica, captar as diferenças na compreensão de “outros mundos possíveis”. Trata-se de um campo permeado por labirintos simbólicos e pelas adversidades dos conflitos sociais. Nesse sentido, pensamos a etnografia como uma forma de conhecimento que privilegia a experiência, tencionando as margens conceituais e territoriais do Estado, principalmente como referenciais para compreender o “universo criminal”, com o uso de estratégias de inserção e interlocução que buscam construir interação e empatia com os interlocutores. Todas as etapas da pesquisa devem seguir parâmetros adequados que se traduzem em uma postura ética de evitar qualquer exercício de dominação simbólica ou que coloque em risco todos os envolvidos com a pesquisa. Interlocutores, aliados/as e o próprio pesquisador são envolvidos nas complexas teias de relações em territorialidades marcadas pelas disputas em torno de mercados ilícitos, como é o caso de Fortaleza. O próprio pesquisador precisa colocar sua presença em campo em permanente avaliação, pois o contexto das comunidades, favelas, “quebradas” e bairros se configuram como lugares de eventuais disputas armadas entre as forças de segurança do Estado e as diversas maneiras de acontecimentos que figuram o crime. Faz-se fundamental não reificar estigmas sobre esses territórios.

É preciso ressaltar que consideramos a pesquisa de campo como uma atividade em que a posição social do pesquisador deve ser compreendida em torno de relações de força (Biondi, 2011), destacando o ato de pesquisar como uma experiência sensível, justamente pelo fato de não ser possível pensar na relação de interlocução enquanto posição de pesquisador e “objetos de pesquisa”. Dessa forma, assumimos um caráter relacional na observação desse conjunto de preocupações, centrados na recusa pela concepção que privilegia o mundo social como uma integração dada na realidade,

atenuando ou evitando lidar com os problemas relativos ao conflito social e incapaz de assimilar as possibilidades da mudança e do movimento, evitando uma visão imobilista e, eventualmente, conservadora da realidade social investigada (Durham, 2004).

A coesão social está longe de ser um conceito autoexplicativo. Aprendemos com Victor Turner (2005, 2008) sobre a noção de drama social como importante auxílio na teoria social, considerando a vida social dinâmica, portanto, em fluxo e variabilidade na constituição de um “mundo [social] *in becoming*” (Turner, 2008, p. 20). Para isso é fundamental colocar em suspeição as bases teórico-metodológicas, discutindo os dilemas que marcam as ciências sociais. Como destacado por Clifford Geertz (1997), buscamos no campo da epistemologia as maneiras mais dialógicas para a compreensão. A questão reside em como lidar com as formas e os dispositivos de saber-poder acionados pelo campo. Roy Wagner (2014, p.39) assume que antropólogos podem “incluir a si mesmo e seu próprio modo de vida em seu objeto de estudo, e investigar a si mesmo”, lição importante para a antropologia urbana por considerar a dimensão subjetiva do pesquisador (Durham, 2004).

Por outro lado, Pierre Bourdieu (2013) já criticou as etnografias colonialistas nos estudos rituais, consideradas revestidas das melhores intenções humanistas, porém, clássicos que nos lembram de lições importantes para compreensão das razões imperialistas. Estas emergem com categorias, conceitos e epistemes que, sem dúvida, precisam ser enfrentadas pela atividade revolucionária da experiência social. A questão é que existem fronteiras porosas e até mesmo dissolvidas nas relações de poder e dominação. Aprendemos com James Scott (2013) que existe uma dimensão na vida social que pode ser encontrada na infrapolítica, isto é, na capacidade de subordinados manipularem as redes de dominação em proveito próprio, muitas vezes realizando engenhosamente a resistência que pode precipitar rupturas estruturais. Por outro lado, com Franz Fanon (1979) compreendemos que em contextos de violência estrutural e aguda, a violência aparece em diferentes facetas e, eventualmente, pode ser experimentada positivamente como esforços de superação da dominação reinante. Ademais, abre-se um mundo de perigos, que no caso do colonialismo, visa confrontar os antagonismos entre colonos e colonizados.

No caso de pesquisas em contextos de conflagração, lidamos com áreas consideradas inseguranças e, por vezes, o inesperado precipita mudanças na configuração das relações de força. Em todos os casos, é bastante provável que esses eventos alterem significativamente a ordenação dos sistemas simbólicos dos afetados e seus protagonistas. Na vida social existem zonas de limites, margens e fronteiras que transbordam o Estado, pois, o ordenamento idealizado pela sociedade é perigoso, “... essas crenças-perigo são tanto ameaças que um homem utiliza para coagir outro, como são perigos que ele próprio teme incorrer por lapsos de retidão. Elas são uma linguagem forte de exortação mútua” (Douglas, 1976, p. 13).

Para o caso que será apresentado no tópico seguinte, o ato de pesquisar em áreas urbanas envolve diretamente a pesquisadora em fronteiras sociais e espaciais difusas, não sendo considerada, até certa medida, como “de fora”, pois se trata de situações vivenciadas em um bairro que compreende espaços de moradia, trabalho e socialização presentes em seu cotidiano. A atividade de campo e o relato “etnográfico” são marcados pelo pensamento relacional e reflexivo sobre o campo social.

Abordar pontos de vista é compreender o *ethos* de inserção do pesquisado (Bourdieu, 1997) percebendo-os como seres implicados em diversas esferas sociais formando uma rede de interdependência (Elias, 1993; 2011) atravessada por fluxos diversos e delineada por movimentações nas margens do Estado. Para isso, nos ancoramos, fundamentalmente, nas construções etnográficas do crime produzidas no

Brasil, que trazem a perspectiva de pesquisas em contextos específicos, com arcabouços metodológicos originais, sobre as diversas maneiras de fazer o crime (Aquino, 2010; Barbosa, 1998; Barreira, 1999; Biondi, 2010; Sá, 2010; Grillo, 2013; Marques, 2014).

Por outro lado, consideramos o desafio de sair do enquadramento de pré-julgamentos morais e políticos, impregnados na razão ocidental, que encerram e tornam indizíveis certas redes de sociabilidade, reciprocidade, negação e lutas simbólicas. No meio da dicotomia entre ordem e desordem, existem diversas linhas transbordantes, redes sociais impregnadas de enunciações, procedimentos, jurisprudência, situações liminares e mobilizações que estão até mesmo nas margens e fronteiras das definições objetivadas pela grande narrativa da segurança pública e da violência, por exemplo.

Dessa forma, a crescente violência provoca uma profunda mudança na experiência de vida das grandes cidades e metrópoles, problematizando uma ordem social específica pautada na sociabilidade violenta (Machado da Silva, 2010). Em conjunto com essa sociabilidade específica, se junta o acúmulo histórico de desigualdades sociais e econômicas, gerando processos de exclusão estrutural, advindas de um passado ainda não superado do escravismo brasileiro que reverbera nos números relacionados ao crime. Essas temáticas ganham visibilidade no Brasil por volta dos anos 1970, aprofundando-se após a ditadura civil-militar.

Michel Misse (1999), em sua tese de doutorado, propõe o conceito de sujeição criminal que, no limite, produz as vidas matáveis (Mallart; Godoi, 2017) no processo que propõe a higienização social e o aumento do encarceramento, ampliando as desigualdades e a violência sistêmica (Han, 2017). Esse processo de acumulação social da violência colabora para percepção de crime não apenas do ponto de vista da criminalização codificada pelo sistema penal, mas, a partir de formas concretas através das quais as representações e práticas sociais se combinam em elementos de criminalização e descriminalização (Misse, 2008).

Adotamos aqui a mesma perspectiva de Paiva e Freitas (2015) que considera “... a violência do ponto de vista histórico e cultural, como ação que envolve a percepção de agentes a respeito dos limites ou das perturbações de acordos tácitos, entendimentos e regras sociais que podem ser gerados por excessos no uso da força” (p. 117), ou simplesmente como a ameaça de usá-la (Feltran, 2011). Já a perspectiva de crime é pensar “... não mais apenas uma infração penal, mas como substancialização do contexto em que se inscrevem uma série de práticas ilegais e trajetórias pessoais...” (Grillo, 2013, p. 1-2). Ao falar de crime nos referimos, portanto, ao movimento, ao fluxo e ao corre que, por onde passa, faz e desfaz conjuntos de “aliados” e “inimigos”. (Marques, 2014).

Acessos, empatias e o trabalho de campo¹

Pesquisar temas perigosos envolve paradoxos e tensões éticas centrais para a atividade de campo em contextos de disputas pelos mercados de drogas, crimes e com interlocutores em conflito com a lei (Barreira, 2002). Essas questões se concentraram, principalmente, em torno de três elementos distintos e complementares que são um aparato hermenêutico tanto na postura em campo, como no momento da escrita e nas consequentes escolhas feitas: a confidencialidade, a discrição e a segurança; em um esforço ético-metodológico para não criminalizar e nem prejudicar os sujeitos envolvidos nesse processo. Assim sendo, pensar o contexto do crime aparece aqui como algo multidimensional, uma conjunção de fluxos e redes de aproximação e distanciamento. A constante troca de influências entre os agentes sociais ocorre em

¹ Esse ponto do artigo aborda a experiência de pesquisa de Suiany Moraes (2018), durante o Mestrado em Sociologia na UFC.

virtude das experiências vividas no cotidiano e se manifesta por diversas razões e motivações em um processo constante de construção, desconstrução e reconstrução (Simmel, 2006).

Desde o ano de 2016 realizo trabalho de campo etnográfico no bairro Benfica², próximo ao Centro de Fortaleza. Nesse período, em muitos momentos, ensaiei minha retirada de campo por motivos e sentimentos diversos tais como o medo, revolta e, até mesmo, a coerção social. Muitas vezes passei por situações tensas, pois o convívio com pessoas consideradas pela polícia como perigosas ou marcadas para morrer na disputa territorial e simbólica pelos mercados ilícitos, é arriscado. Existem riscos reais envolvendo a proximidade. Por outro lado, enquanto pesquisadora e mulher, o campo se demonstrou um emaranhado de relações desenvolvidas por empatias mútuas com essas pessoas nos seus mais variados papéis desempenhados, sejam pais, filhos, mães, amigos, tios e assim por diante. O resultado dessa interação foi um diálogo intenso e constante, produzindo imagens, impressões, sentimentos, relatos e reflexões não só em mim como pesquisadora e talvez maior interessada, como também nos agentes envolvidos ao longo desse processo.

Comerciantes de drogas, não-envolvidos, familiares, usuários, moradores e frequentadores do bairro foram os grupos nas quais eu tive acesso e pude, a partir das relações desenvolvidas, construir uma rede de interlocução (Marques, 2014). Foi também no processo de relacionamento com estas pessoas, suas vivências, realidades e circuitos, e com as coisas que envolvem tudo isso, que a interlocução foi se desenvolvendo e a compreensão dessa realidade social foi se alargando. No dia-a-dia do trabalho de campo etnográfico, essa aproximação foi sempre um elemento de reflexão à medida que eram vidas que estavam ali presentes.

A pesquisa foi então trilhando caminhos marginais e foi na observação de “... práticas in loco, [no estabelecimento de] vínculos duradouros com as pessoas, conquistando a sua confiança, ultrapassando as suas fachadas para entrar em sua intimidade e ver além do que elas gostariam de mostrar” (Biondi, 2010, p. 33), que a foi-se construindo os acessos. O produto desse tipo de incursão é um material repleto de dados que não poderiam ser acessados através dos instrumentais clássicos de pesquisa e cujas falas e sentimentos são reproduções dos momentos de interlocução³, escritos em diários de campo⁴.

Durante o processo de pesquisa as relações de amizade desenvolvidas desempenharam um papel positivo no desenrolar do trabalho de campo, mesmo não sendo esse o objetivo inicial. Isso significa que me envolvi com meus interlocutores criando laços de amizade não objetivando a obtenção de dados, mas, estas se tornaram um elemento fundamental nesse processo. Passei a fazer parte do cotidiano deles e as relações foram se estreitando à medida que a pesquisa ia avançando. Vivi momentos importantes na vida deles, como aniversários, confraternizações, festas das mães, pais, natal, ano novo e da mesma forma, eles passaram a viver momentos importantes

²Bairro histórico localizado na região central de Fortaleza, há apenas 3km do centro da Cidade. Caracteriza-se por uma particular multiplicidade de pessoas e costuma ser lembrado por três aspectos: abrigar alguns *campus* da Universidade Federal do Ceará, por ser reduto cultural e sede de variadas organizações culturais/artísticas/partidárias/sociais e por abrigar o Estádio Presidente Vargas, que costuma receber jogos de campeonatos diversos, alimentado por uma ampla rede de infraestrutura urbana. Para maiores detalhes sobre o bairro ver: Suiany Moraes (2019).

³O sentido de campo tomado aqui refere-se a todas as vivências, em lugares e espaços diversos, no cotidiano dos interlocutores.

⁴As observações das expressões corporais, do contexto da fala, as relativizações, a comparação de narrativas nativas e todos os sentimentos que me marcaram no processo da pesquisa também são elementos que compõem os diários de campo.

comigo. Aqui pude desenvolver um diálogo muito forte com a Jânia Aquino (2010) quando ela pensa a relação de empatia com seus interlocutores no universo de assaltos a bancos e como esse processo modifica o olhar, a compreensão e a experiência de ver e ouvir o outro.

Com o tempo, passei a buscar outras vivências com esses atores e fui fazendo um circuito, até então novo para mim, levada pelos interlocutores do bairro e aguçada pela curiosidade de ver, conhecer e vivenciar, dentro da legalidade, este Benfica que surgia à minha frente. Passei a ir almoçar em uma marmitaria, restaurante que vende comida no estilo prato feito, que ficava localizada quase na entrada de uma das comunidades estudadas e que era frequentada, principalmente, por moradores do bairro e por alguns dos meus interlocutores; consertar roupas em uma das comunidades, e dessa forma, construir o acesso ao local sem que minha presença pudesse ser considerada estranha ou ameaçadora de alguma forma; comer o churrasquinho de um morador local e, enquanto isso, ser atualizada, principalmente, dos conflitos envolvendo o uso e a venda de entorpecentes; ou sentar na calçada a noite para comer o pratinho de comida típica ao lado feito em outra comunidade; ou simplesmente ir sentar em alguma calçada do bairro para “jogar conversa fora”.

Conduzimos nossas conversas sempre de maneira espontânea, sem uso de instrumentos clássicos de pesquisa, como roteiro de entrevista e gravador. Nas conversas os temas eram os mais diversos possíveis e eu ficava lá até que em algum momento poderia chegar onde eu tinha interesse de compreender. Levei um tempo para conseguir perguntar sobre o “mundo do crime” na qual eles estavam inseridos, priorizei, de início, desenvolver relações de confiabilidade para poder, a partir disso, chegar a perguntas que poderiam ser mais delicadas ou difíceis de responder. Com o tempo, meus interlocutores principais passaram a eles mesmos perguntar aquilo sobre a qual eu poderia me interessar. Pude, durante esse período, me ancorar nas pesquisas já realizadas sobre crime e conflitos que trilharam caminhos parecidos na busca da obtenção dos dados, aqui ressalto Whyte (2005) como um dos principais diálogos teóricos nesse momento de chegada no campo e construção de confiança. Recordo da relação dele com seu interlocutor principal, Doc, e pude traçar um paralelo entre ele e meus três interlocutores principais, que muitas vezes, tal como Doc, me levou para locais, me inseriram em conversas e fizeram perguntas que só “os do meio” poderiam ter o grau de liberdade para fazer.

As falas utilizadas aqui são reconstruções de falas originais registradas em diário de campo escrito posteriormente; em bloco de notas do celular, quando eu imediatamente guardava a informação, e daquelas que ficaram retidas na memória. A principal técnica utilizada foi a observação etnográfica, além de estar ali era preciso uma sensibilidade especial para capturar suas vidas diárias. Esses registros marcam também toda uma gama de sentimentos que foram sendo produzidos nas observações e nas interações.

O tipo de envolvimento que desenvolvi e experimentei durante o trabalho de campo ultrapassou o que se entende na antropologia clássica por “observação participante”. Para ir além da empatia, haviam barreiras éticas claras das quais eu não pretendia transpor, uma vez que não haveria como eu participar das “paradas” - termo nativo que designa a participação em atividades ilegais, sejam relacionadas ao tráfico ou outra modalidade de crime. O mesmo termo é usado tanto para as ações (“tô indo fazer uma parada) como para mercadorias ilícitas (“tô indo deixar uma parada”) - que eram narradas para mim, nesse caso eu apenas as escutava. Contudo, pude vivenciar e participar de inúmeros outros momentos.

Fui, aos poucos, me tornando uma figura comum e não estranha no bairro e nas comunidades. Esse processo impactou na minha vida de inúmeras formas. Tal como com outros pesquisadores, Leonardo Sá (2010) e Carolina Grillo (2013), por exemplo, vivenciei um período de liminaridade em relação a minha vida social, uma vez que minhas descobertas, deslumbramentos com o campo e o esforço de inserção, levaram a inúmeras pessoas do meu ciclo de convivência pessoal me criticar por eu estar “me envolvendo demais com eles”. Diferente da Carolina Grillo (2013), o meu campo não trilhou tantas margens. Sofri muito mais com a falta de compreensão dos amigos sempre se referindo a minha pesquisa como eu “vivendo com pessoas da pesada”, mas em casa, no entanto, tive o apoio de todos para seguir. Pouco alterei do meu modo de vestir, gostos pessoais e crenças. Contudo, a linguagem foi algo que precisei sempre observar, pois, muitas vezes, a minha forma coloquial de falar não era compreendida pelos interlocutores. Então eu fui aprendendo a usar gírias e termos que facilitavam o diálogo. O que de fato mudou com a pesquisa foi a minha relação com questões polêmicas e a percepção desses envolvidos desempenhando inúmeros outros papéis complexos para além das vivências no crime.

Escutei narrativas diversas de execuções ocorridas da década de 90 aos dias atuais, contudo, vivenciá-las foi uma experiência dolorosa durante a pesquisa de campo. Escrever sobre morte é sem dúvida muito difícil nesse caso, pois, vivenciar e lembrar a perda de vidas humanas para uma guerra cruel e injusta, como a do crime, foi algo muito marcante na minha vida. Neste caso, paradigmaticamente segundo a antropologia, a dor se faz como uma construção social (Das, 2008, p. 411), marcando a violência urbana como um evento de ressignificação da organização simbólica do mundo (Paiva, 2014), com consequências severas para mim, porém, jamais tão dolorosa quanto para os sobreviventes.

No centro das “correrias” e das artimanhas do extermínio

No dia em que conheci o Pablo a primeira impressão que eu tive foi de que ele era rapaz tímido, tranquilo e “boa praça”. Era um dia na semana rotineiro, como os demais, no cotidiano da pesquisa. Eu havia acabado de chegar a um dos bares de costume. No período eu já chegava lá sozinha e contava com a ajuda e interlocução de alguns trabalhadores do local. Nesse dia, eles me convidaram para sentar em uma mesa com pouco movimento, onde havia dois homens que eu nunca tinha visto. Fiquei desconfiada a princípio, mas pensei que poderia se tratar de conhecer alguém que seria interessante para a pesquisa. Juntei-me a eles na mesa, pedimos mais um copo e ficamos ali tomando cerveja e conversando sobre amenidades. Lembro que ríamos muito das piadas sobre os times Fortaleza e Ceará e assim ficamos por cerca de duas horas. Os rapazes se despediram, foram embora e só naquele momento o Antônio⁵ me informou que se tratava de Pablo, o traficante mais antigo do bairro.

Eu já havia escutado inúmeras histórias a respeito dele, todas sempre usando o nome na qual ele era conhecido na rua e no crime, o nome que alçou ele a categoria de “dono” da sua comunidade – “Cabrito” - e já havia chegado a pedir que me apresentassem a ele. No dia que eu finalmente o conheci ele buscava construir uma outra história para si mesmo, como eu escutei posteriormente, e havia passado a se apresentar e preferir ser chamado por seu nome de batismo, e esse eu nunca havia escutado. O que mais me intrigava nele era a diversidade de narrativas a seu respeito: algumas davam conta do processo de inserção dele no crime e do processo de migração de assaltante para traficante e como ele chegou a posição prestigiosa; outras sobre como

⁵Antônio é um rapaz, de cerca de 30 anos, morador do bairro que atua no comércio varejista da droga. Ele foi um dos meus principais interlocutores em campo, juntamente com a Juliene e o João.

ele era gentil, atencioso, disposto e preocupado com o outro e com a sua comunidade; e outras que falavam de como ele era uma pessoa simples e humilde.

Tantas coisas sobre uma mesma pessoa despertou minha curiosidade para o campo, considerando as possibilidades de conversas sobre as variadas histórias da sua vida⁶, desde as gangues, passando pela atuação como assaltante a mão armada e chegando ao tráfico e ao domínio do seu território em um cenário de tantas disputas e inconstâncias ao longo das demais comunidades do bairro. Não tive tempo de perguntar nada disso, o encontro narrado acima foi a única vez que estive na presença dele. Cerca de 15 dias depois ele foi executado dentro do seu território, espaço até então considerado seguro, com cerca de quatro tiros de pistola ponto 40.

O desfecho trágico da trajetória de Pablo é revelador das adversidades e perigos inseridos nesses contextos perversos de produção da morte de vidas matáveis. Nas histórias das disputas no bairro relacionadas aos pontos de comércio da droga no varejo, as execuções sempre aparecem como forma tanto de resolução dos conflitos, como de mudança na engrenagem da firma local do tráfico, marcando sob o signo da morte inúmeras pessoas.

Diferentemente da comunidade na qual Pablo teve o domínio por 20 anos, nas outras comunidades do bairro há uma disputa mais forte com muitas mudanças e nomes diferentes ao longo do tempo. Um caso emblemático e muito narrado é o dos irmãos Matheus e Manuel que, no final dos anos 90, vendiam *crack* na comunidade Povo Guerreiro. O comércio se iniciou com Matheus a frente “[...] ele era matador, tinha fama, “arrepia” no local, mas um dia se envolveu numa briga aí mataram ele.”. O trecho citado compõe o que retive na memória da fala de Antônio sobre os irmãos, contudo, essa narrativa, assim como várias outras, não dão conta dos detalhes do fato em si e, nesse caso, nem detalhes do que levou a ocorrer a execução. Após sua morte, seu irmão, Manuel, se mudou para outra comunidade do bairro e passou a comandar de lá o tráfico de drogas. Esse domínio também foi curto, menos de um ano: ele acabou morrendo em um conflito armado na Região Metropolitana de Fortaleza.

Domínios territoriais de curta duração são características nas comunidades locais em virtude de elementos como: os assassinatos (decorrentes tanto de milícias como da disputa por territórios de comércio da droga), as prisões e a postura da própria comunidade, que colabora ou não com quem está no comando local. Há ainda o processo de faccionalização do crime que chegou no bairro fortemente arregimentando as comunidades, os “correrias⁷” e os “patrões⁸” presos para um dos coletivos criminais, quais sejam: Comando Vermelho (CV), Guardiões do Estado (GDE), Primeiro Comando da Capital (PCC) e Família do Norte (FDN).

Esse processo de faccionalização levou a uma disputa ainda maior no local pelo controle dos territórios de comercialização da droga e a consequência disso foram alianças, amizades e laços de famílias desfeitos quando cada qual escolheu, ou foi obrigado a escolher, um lado na “guerra”. Outra consequência desse processo foi o

⁶O bairro é composto por cinco comunidades periféricas tanto do ponto de vista econômico como social, Povo Guerreiro, Sumaré, Meresia, Realeza e Estrela.

⁷“Correrias” é um termo nativo que se refere a quem é da engrenagem do tráfico de drogas. Usualmente, a literatura corrente sobre crime, principalmente no eixo Rio-São Paulo, define como “movimento”. No Benfica, no entanto, o termo utilizado vem de “corre”, logo a “correria” aparece como a efetivação do “movimento”. Os “correrias”, pessoas que fazem parte dessa engrenagem, podem ser de maior ou menor porte a depender da sua posição na firma

⁸“Patrões” é um termo nativo que se refere aqueles que têm o domínio financeiro, logístico e de armamento de fogo. Em geral, é quem está no topo das engrenagens da comercialização e distribuição das drogas no varejo e no atacado.

aumento no número de execuções em decorrência dessa nova configuração de crime, pois, agora, a expulsão se dá através da morte.

Uma das execuções mais emblemáticas desse período, e a primeira que dá início a uma disputa territorial nessa nova conjuntura de acesso facilitado às armas de fogo, foi a de um interlocutor dessa pesquisa, Cleiton. Ele era um rapaz jovem, com cerca de 16 anos, nascido e criado em uma das comunidades do bairro, e que se envolveu, logo cedo, no crime seguindo os passos de alguns membros de sua família. Juntamente com o seu irmão, Diogo, eles passaram a fazer o controle do comércio da droga, maconha e cocaína, no varejo e no atacado na comunidade em que eles moravam. Diferente do seu irmão, Diogo já era maior de idade e havia sido preso pelo crime de tráfico em um momento anterior. Foi na prisão que ele se envolveu com a facção FDN, passando a atuar a partir das normas morais impostas pela a mesma.

Cleiton e Diogo logo cresceram na hierarquia do tráfico, tornando-se respeitados e considerados no bairro e na facção que eles integravam. No auge de suas atividades no mundo do crime, Cleiton passou a namorar uma moça, mais ou menos de sua idade, oriunda de uma outra comunidade do bairro. Esse relacionamento o fez expandir sua área de atuação, dividindo agora, juntamente com seu irmão, o controle do comércio de cocaína, durante um determinado período de tempo, em duas comunidades distintas do bairro, além de pontos de vendas fixos espalhados pelos territórios simbólicos do local.

Tive a oportunidade de conversar inúmeras vezes com Cleiton. Era um jovem “trabalhador”, como ele mesmo costumava definir, que se dedicava com afinco a engrenagem do tráfico na qual ele estava inserido. Gostava de andar sempre bem vestido, com roupas de marcas, dentre elas a preferida era a Nike. Lembro que certo dia ele me disse que “... tô na pista é pra comer bem, me vestir bem, gosto da Nike, chego e compro logo, e gosto de tudo, como tô agora: o chinelo, a bermuda e a camiseta, tudo Nike. As gatinhas gostam de ver a gente nos panos ...”. No universo simbólico do consumo de pessoas envolvidas com o mundo do crime, sempre reverberam marcas que socialmente denotam algum tipo de status social, havendo, dessa forma, um processo mercadológico que fetichiza as mercadorias transformando-as em objeto de desejo e aceitação social por parte daqueles que vivenciam processos de exclusão e invisibilidade nos seus locais periféricos de origem.

Quando foi executado, Cleiton vivia o “seu auge” da caminhada no corre: ganhava grandes cifras de dinheiro, era especializado na venda de cocaína considerada de boa qualidade, estava “junto” com sua namorada, cuja família também estava inserida na circularidade do tráfico, e tinha o domínio de quase todas as engrenagens de uma microempresa do tráfico de drogas. Havia inclusive uma grande sensação de segurança da sua parte, pois, para ele, no seu território nada lhe aconteceria. No entanto, foi em um dos lugares onde era possível vê-lo mais à vontade que aconteceu a execução. Era uma sexta feira e como sempre acontecia nos meses que antecederam a chacina, o bairro Benfica estava lotado de jovens. Cleiton, mesmo tendo seus “correrias”, gostava de ficar pessoalmente nos espaços simbólicos de maior concentração de pessoas no bairro realizando a venda da sua mercadoria e exercendo pressão e controle sobre os demais.

Por volta de 23h ele tomava cerveja com um grupo de amigos, dentre eles seu irmão e sua namorada, quando um rapaz que não era estranho para eles, já que também havia crescido no bairro, se aproximou, sacou a pistola ponto 40 e disparou cerca de 5 tiros contra ele à queima roupa. Enquanto o pânico tomava conta dos presentes naquele espaço lotado, o algoz de Cleiton seguia calmamente, pistola na mão, em direção a moto que estava ligada no ponto para a sua fuga. Nos momentos seguintes, o que se viu foi o desespero de Diogo que não acreditava que seu irmão mais novo estava morto e sua

namorada, ao invés de lágrimas, procedeu o esvaziamento dos seus bolsos, retirando a droga e o dinheiro antes da chegada da polícia.

Esse episódio foi definitivo na vida de Diogo, depois disso o que se escuta falar é que ele “... virou bicho ruim, mata por qualquer coisa, ele caçou quem fez isso com o irmão...”; “... eu acho na verdade é que ele ficou sem bater bem depois que o Cleiton foi morto sabe, ele já não era o irmão mais inteligente, agora tá paranóico, só anda armado, tem medo até da sombra, tá cheirando [cocaína] muito também. Mas ele tá arrepiando no corre ...”. Não só a vida dele foi marcada por esse episódio, o local virou palco para outros conflitos e disputas que se efetivaram através das execuções. O próprio algoz de Cleiton continuou cometendo uma série de assassinatos ao longo do território do bairro.

As duas execuções citadas acima, de Pablo e Cleiton, inauguraram um momento de intenso combate, com baixas de ambos os lados, entre duas das quatro facções em atuação no bairro, CV e GDE. Essa disputa tem por objetivo a anexação dos territórios simbólicos do bairro – as comunidades já haviam sido anexadas previamente - como área de controle e comercialização de determinado grupo. Mais de 15 mortes ocorreram nos últimos dois anos, coincidindo com meu tempo em campo, em decorrência dessa disputa. Destes, muitos foram interlocutores com as quais eu tive bastante proximidade e diálogo e a cada morte próxima a mim me afetava de tal forma que eu passava dias longe da pesquisa e dos textos em produção vivendo o luto causado por aquela guerra.

Outra execução muito marcante para mim, eu estive com ele um par de horas antes da ação, foi a do Michel. Esse rapaz era um “correria” de muitos “patrões” na área mas não chegava a ter um envolvimento direto na engrenagem do crime e já havia se mudado de uma comunidade para a outra algumas vezes por dívidas no local. No período que antecedeu sua morte, eu o encontrava quase todos os dias nos locais onde havia comércio de droga no bairro e sempre que falava com ele, o percebia mais magro com o passar do tempo. O consumo e o vício em drogas sintéticas, como é o caso da cocaína e do *crack*, são elementos que transformam a pessoa tanto fisicamente quanto emocionalmente, nos últimos tempos haviam aumentado os rumores que ele estaria viciado e que estaria com dívidas de drogas.

Uma das primeiras lições que me foi ensinada no campo é que não se deve dividir espaços com alguém com dívidas com o tráfico, pois, na hora do “acerto”, algo poderia acontecer comigo, mesmo eu não tendo nenhuma relação com a disputa. Mesmo diante dos alertas, eu ainda cumprimentava as pessoas e fazia questão de tentar saber como elas estavam e, a partir disso, dialogar sobre o que era do interesse para a pesquisa. E assim procedi no dia da morte do Michel. Era um domingo e eu havia me deslocado para um restaurante, próximo a um dos locais de comércio da droga, para almoçar. Sozinha, sentei em uma mesa, pedi uma cerveja e o almoço e fiquei aguardando quando chegaram alguns interlocutores e perguntaram se poderiam sentar comigo. Consentiu e todos se sentaram, inclusive Michel.

Passei a tarde ali sentada com eles conversando sobre assuntos diversos e por volta de 16h eu precisei me retirar do local, então me despedi de todos e combinamos que mais tarde poderíamos nos encontrar novamente, já que eu pretendia retornar à noite. Um tempo depois, contudo, recebo a ligação de um interlocutor muito nervoso me perguntando se eu já sabia o que tinha acontecido. Fiquei surpresa, comentei que havia passado à tarde no bairro e nada havia ocorrido. Foi quando percebemos, eu e o interlocutor, que o fato havia ocorrido pouco depois de eu sair do local: Michel havia acabado de ser executado com quatro tiros de pistola ponto 40.

Imediatamente me desloquei para o local da morte e lá chegando encontrei todos que mais cedo haviam dividido a mesa comigo. Ao perguntar como foi a ação, me surpreendi novamente com a questão da familiaridade e a aparente facilidade: o rapaz

havia chegado, dado voltas de moto ao redor do local, no termo nativo ele “passou os panos”, desceu, sentou em uma mesa, tomou uma cerveja e ficava falando em tom alto que estava ali para resolver uma pendência, supostamente ele procurava o amante da esposa e saiu. Ele voltou outras duas vezes, sempre agindo da mesma forma até que ele chegou na mesa em que o Michel estava. Lá, ele sentou e começou a dizer que na verdade estaria ali procurando “alguém do CV”, qualquer um, ele só queria resolver uma “parada”. Passado um tempo ninguém que efetivamente compõe o “corre” apareceu no local. Foi quando ele anunciou “já que não tem ninguém vai ser tu mesmo” e sacou uma pistola ponto 40 cromada – para alguns presentes no local, o brilho da pistola sendo sacada foi o que os salvou de serem prováveis vítimas, pois, logo que eles viram saltaram para debaixo da mesa, se protegendo dessa forma dos tiros que estariam por vir – e disparou cerca de quatro tiros em Michel, cuja a única reação foi proteger o rosto. Seu corpo magro foi jogado longe com a proximidade na qual os tiros foram disparados. Após a ação, o executor, tal como no caso do Cleiton, se dirigiu a moto, com arma em punho, aparente tranquilidade e empreendeu fuga.

Nos meses seguintes várias outras pessoas foram executadas no bairro, algumas delas por dívidas com traficantes, a grande maioria, no entanto, pela disputa do controle dos territórios de comércio da droga. Uma dessas execuções ocorreu em uma parada de ônibus, onde foram disparados mais de 10 tiros que atingiram, além do alvo que foi executado com cerca de 8 tiros, outras pessoas que passavam pelo local. A arma de fogo é, em geral, sempre do mesmo tipo, uma pistola de calibre 40. De fácil manuseio e fabricação nacional, é uma arma curta com maior letalidade, 16 tiros e uma bala que se fragmenta dentro da pessoa atingida. O “auge” dessa “disputa ficou marcado como a chacina do Benfica.

Mais uma chacina em Fortaleza, a 4ª do ano e essa com um total de 07 mortos e 07 feridos. O cenário? Um bairro universitário e boêmio, encontro natural de diferentes tribos, local de lazer e sociabilidades diversas. ...Eram por volta de 23h30min dessa noite quente e abafada e tudo transcorria dentro da normalidade: pessoas bebendo, conversando, comendo, dançando, música tocando, vozes altas, risadas... e um tiro. E depois veio outro, outro mais, mais outro e uma sequência de cerca de 30 tiros. Depois do primeiro tudo foi muito rápido, rápido como um piscar de olhos em câmera lenta: correria, mesas e cadeiras no chão, copos e garrafas quebrando, pessoas em pânico e nenhum agente de segurança pública no local. ...Só vimos a primeira viatura chegar cerca de 5min após o fim dos tiros. (Moraes, 2018, p. 1)

O que se seguiu a esse cenário foi um momento de desespero, destruição e horror. Em uma única noite, foram efetuados mais de 50 disparos de arma de fogo com alto poder de letalidade, em três locais diferentes do bairro, sequenciais e simbólicos, de forma aleatória, onde sete foram executados sumariamente e cerca de quinze pessoas ficaram feridas, duas em estado grave. Em um dos espaços haviam centenas de pessoas. O episódio foi tratado pela mídia local como algo “chocante”, afinal foi a primeira chacina (das dez que ocorreram no Estado do Ceará, no ano de 2018⁹) a acontecer em

⁹Quais sejam: a que ocorreu dentro de uma casa, no município de Maranguape; no Forró do Gago, em Fortaleza; na cadeia pública do município de Itapajé; no bairro Conjunto Esperança, em Quixeramobim; na comunidade de Cafundó, no município de Palmácia; na zona rural do município de Quiterianópolis; no bairro Manoel Dias Branco, em Fortaleza; no município de Milagres, em uma ação policial que culminou com a execução de reféns e criminosos; e a do bairro Benfica.

um bairro próximo ao Centro, boêmio, de classe média e considerado um dos mais tradicionais da Cidade.

Os corpos violentados ficaram lá, caídos, marcados pelos furos produzidos pela intensidade dos tiros, com sangue se avolumando no entorno, choro e um discurso, por parte do poder público, que objetivava justificar o injustificável. As jovens vítimas tinham entre 21 e 33 anos e uma destas havia sido meu interlocutor. Mesmo diante de tudo que eu já vinha vivenciando durante a pesquisa de campo, jamais imaginei esse momento. Quando os tiros iniciaram minha única reação foi correr para o mais longe possível do local do conflito, mesmo correndo o máximo que pude, eu ainda escutava os estampidos dos tiros. Ao fim, retornei ao local e me deparei com um cenário que eu só havia visto anteriormente em filmes: em meio a um caos, corpos caídos, pessoas em desespero, muito choro, destruição no entorno – portas de bares e restaurantes quebrados, mesas e cadeiras destruídas, muitos copos e garrafas estilhaçados e espalhados pelo chão -, diversos pertences – celulares, carteiras, mochilas, livros, cadernos e sacolas - de pessoas que no “corre-corre” não puderam levar. Tal como os demais que haviam acabado de vivenciar essa tragédia, eu estava em choque.

As mortes agem reconfigurando simbolicamente os espaços, tornando-os estigmatizados como os locais em que “a qualquer momento eu posso levar um tiro”; e ressignificando simbolicamente as mortes das vítimas “envolvidas”. Ser executado e ter essa morte relacionada às disputas territoriais, passa a aparecer, na maioria das vezes, como uma “justificativa” para a morte e morto não fala, não se defende, não diz seu ponto de vista, é apenas o “envolvido” que “recebeu o que merecia”. Como exemplo, o drama social de familiares, parentes e sobreviventes, pode ser substancialmente agravado com a morte violenta e morte social do ente querido, sobretudo àqueles que são acusados de “envolvidos”, portanto, corpos “impuros” e indignos.

O “mundo do crime”, esse conjunto de elementos dispersos que se chocam intermitentemente nas margens da sociedade, que tem o seu movimento e seus abalos, mas também o seu peso (Barbosa, 2001), permeia variadas conexões com inúmeros outros universos. As violências simbólicas e estruturais produzidas a partir disso, pautam construções de identidades individuais e coletivas, e ordenam relações entre seus integrantes e com o ambiente externo (Machado da Silva, 2010; Zilli, 2011).

Considerações sobre morte e conflito

Os discursos sobre a violência e sobre os conflitos vêm ganhando cada vez maiores proporções com os riscos latentes presentes na vida cotidiana das grandes cidades no mundo contemporâneo. São caminhos alterados, vivências entrecortadas e uma avalanche de doenças psicossomáticas advindas dessa realidade que afetam as trajetórias dos usuários das grandes metrópoles. Desde 2014, contudo, com a adesão a “coletivos criminais” diversos, tem havido alterações substanciais nas dinâmicas dos grupos criminosos atuantes nas periferias sociais e econômicas de Fortaleza, interferindo diretamente nos locais de moradia, regulamentando mercados, impondo regras morais em busca de hegemonização territorial e comercial. Esses agrupamentos se constituem, de um modo geral, como associações que agregam sob uma mesma ótica, sujeitos diversos em torno de algo, sejam reivindicações para tratamento mais digno no sistema carcerário, sejam em redes horizontais de proteção mútua ou redes de alianças, estabelecendo alteridades e formas de cooperação, autoritárias ou não.

O cenário de conflitualidades que a cidade experimenta lança evidências sobre a banalização da violência e do extermínio como práticas do cotidiano da própria cidade. Hannah Arendt descreve que o “... impacto da realidade do mundo sobre a existência humana é sentido e recebido como força condicionante” (2007, p. 17). É evidente que

no campo da ética se faz urgente recusar qualquer tipo de naturalização da violência. A questão que estamos lidando é significativa para a compreensão que a falta de empatia com as vidas humanas não acontece apenas em tempos de guerra entre países. Um discurso que se ouve com certa frequência na cidade de Fortaleza, como no caso das chacinas, é sobre o envolvimento ou não de pessoas com práticas criminais, como portadoras do crime (Misse, 2011) e, por isso, como vidas matáveis. O fato de gestores de segurança pública falar à imprensa, como veículos de informação na esfera pública, que depois de homicídios a primeira ação estatal é levantar os “antecedentes” criminais para se descobrir se as vítimas de extermínio são “envolvidas” com o crime, é revelador da precariedade da vida nas operações de poder (Butler, 2017) na cidade de Fortaleza.

O processo de faccionalização intensificou a quantidade e a velocidade do extermínio. Por outro lado, a compreensão do extermínio pode nos auxiliar nas reflexões sobre os estigmas que aumentam consideravelmente as possibilidades e as formas de letalidade de grandes populações. As práticas de crueldade são registradas e difundidas na marcação e violação dos corpos, mortos de várias formas, seja por esquartejamento, decapitação, armas de fogo, armas brancas, por exemplo. As ritualizações dessas mortes visam o terror e as suas marcas desencadeiam em seu desfecho imediato, alterações nas rotinas, redes de sociabilidade e formas de reconhecimento do mundo simbólico. Nos casos específicos das mortes de “envolvidos”, essas se apresentam de modo ritualizado, pois emergem as proibições e liminaridades entre dominantes, sacrificados e sobreviventes. Ademais, esses eventos emblemáticos modificam a organização simbólica do mundo das pessoas inseridas no contexto dos homicídios, massacres e chacinas.

Referências

- AQUINO, Jânia Perla Diógenes de. *Príncipes e Castelos de Areia: Performance e Liminalidade no universo dos grandes roubos*. Tese. São Paulo: Universidade de São Paulo - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2010.
- AQUINO, Jânia Perla Diógenes de; SÁ, Leonardo: “Consideração” e “competência” entre assaltantes: etnografias da sociabilidade armada. In: BARREIRA, César; AQUINO, Jânia Perla Diógenes de; SÁ, Leonardo (Orgs.). *Violência, ilegalismos e lugares morais*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BARBOSA, Antônio Rafael. *Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1998.
- BARBOSA, Antônio Rafael. As armas do crime: reflexões sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, a. 1, n. 2, p. 165 a 176, 2001.
- BARREIRA, César. *Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- BARREIRA, César. Pistoleiro ou vingador: construção de trajetórias. *Sociologias*, Porto Alegre, a. 4, n. 8, p. 52-83, 2002.
- BARREIRA, César. Insegurança, medo e crueldade no cenário urbano de Fortaleza, (p. 89-111). In: *Etnografias na Cidade: redes, conflitos e lugares*. Campinas: Pontes Editora, 2016.
- BARREIRA, César. Crueldade: a face inesperada da violência difusa. *Sociedade e Estado*, v. 30, n. 1, p. 55-74, 2015.

- BIONDI, Karina. *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010.
- BIONDI, Karina. Um mundo de “considerações”: alguns apontamentos sobre relações de força no trabalho de campo. In: BARREIRA, César; SÁ, Leonardo; AQUINO, Jânia Perla de. (Org.) *Violência e dilemas civilizatórios: as práticas de punição e extermínio*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs). *Usos e abusos da História Oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes: 2013.
- BUTLER. Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CADA VIDA IMPORTA. *Relatório final do Comitê Cearense pela prevenção de homicídios na adolescência*. Fortaleza: Assembleia do Estado do Ceará, 2016.
- CERQUEIRA, Daniel (Coord.). *Atlas da violência 2019*. São Paulo, SP: FBSP e IPEA, 2019.
- DAS, Veena. *Sujetos del dolor, agentes de dignidad*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2008
- DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes. Etnografias comparadas. *Cuadernos de Antropología Social*. 2008.
- DIAS, Camila Nunes. Encarceramento, seletividade e opressão: a “crise carcerária” como projeto político. Análise. *Friedrich Ebert Stiftung*, nº 28, 2017.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: Gangues, galeras e o movimento hip hop..* Tese (doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas. In: *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Vol. 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Vol 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de Tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo. Ed. UNESP. CEM Cebrap. 2011.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- GRILLO, Carolina Christoph. *Coisas da Vida no Crime: tráfico e roubo em favelas cariocas*. Tese (doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.
- HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HIRATA, Daniel. “O ponto e a biqueira: notas para a construção de um conceito.”. In: Barreira, César; AQUINO, Jânia Perla de; SÁ, Leonardo (Orgs.). *Violência, ilegalismos e lugares morais*. Campinas, Pontes Editores, 2014.

LANGANI, Bruno; POLLACHI, Natália. *De onde vêm as armas do crime apreendidas no Nordeste? Relatório 2018*. São Paulo: Instituto Sou da Paz, 2018.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio (org.). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. “Violência urbana”, segurança pública e favelas - O caso do rio de janeiro atual. *Caderno CRH*, v. 23, n. 59, p. 283-300, 2010.

MALLART, Fábio; GODOI, Rafael. Vidas matáveis. (p. 21 a 33). In: *BR 111: a rota das prisões brasileiras*. São Paulo: Veneta, 2017.

MARQUES, Adalton. *Crime e proceder: um experimento antropológico*. São Paulo: Alameda, 2014.

MISSE, Michel. *Malandros Marginais e Vagabundo: A acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. (Tese de doutorado em sociologia), Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.

MISSE, Michel. “Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro”. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 8, n 3, p. 371-385, 2008.

MISSE, Michel. A categoria “bandido” como identidade para o extermínio. Algumas notas sobre sujeição criminal a partir do caso do Rio de Janeiro. In: BARREIRA, César; AQUINO, Jânia Perla de; SÁ, Leonardo. *Violência e Dilemas Civilizatórios*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MORAES, Suiany Silva de. “Eu nunca tinha escutado falar sobre favela no Benfica”: conflitos sociais e mercados ilícitos em um bairro universitário. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE: 2018, 122p.

MORAES, Suiany Silva de. Descortinando um bairro: narrativas históricas, características gerais e referências simbólicas do bairro Benfica, Fortaleza-CE. In: *Investigação científica nas ciências humanas e sociais aplicadas v. 1* [e-book]. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

PAIVA, Luiz Fábio Silva. “Aqui não tem gangue, tem facção”: as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. *Cadernos do CRH*, v. 32, n. 85, p. 165-184, 2019..

PAIVA, Luiz Fábio Silva; FREITAS, Giovani Jacó de. Ecos da violência nas margens de uma sociedade democrática: o caso da periferia de Fortaleza. *Sociedade e Cultura*. Goiânia, v. 18, n. 2, p. 115-128, 2015.

PAIVA, Luiz Fábio Silva. *Contingências da violência em um território estigmatizado*. Campinas, SP: Pontes, 2014.

SÁ, Leonardo. *Guerra, mundo e consideração: uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz*. 296 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SCOTT, James. *A dominação e a arte da resistência*. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2013.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TURNER, Victor. Cap. 1: dramas sociais e metáforas rituais. In: *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008 (p.19-53).

TURNER, Victor. *Floresta de símbolos*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2005.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ZILLI, L. F. *O bonde tá formado: gangues, ambiente urbano e criminalidade violenta*. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

Jornais

BARREIRA, César. GDE é facção criminosa nova, atrai adolescentes e tem 'crueldade como marca', diz sociólogo. *O Estado de São Paulo*. 27 jan. 2018. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral/gde-e-faccao-criminosa-nova-atrai-adolescentes-e-tem-crueldade-como-marca-diz-sociologo.70002168237>. Acesso em 21 de out. 2018.

MORAES, Suiany Silva de. Crônica de uma noite de terror. *O Povo*, Fortaleza, p. 1, 10 de março de 2018.

TÚLIO, Demitri. Insegurança em Fortaleza cria refugiados urbanos. *O Povo*, Fortaleza, 05 de janeiro de 2018. <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/01/inseguranca-em-fortaleza-refugiados-urbanos.html>. Acesso em 20 de nov. de 2018.

